



O ANTIGO PEIXE-BOI DE RONDÔNIA

Nova espécie viveu na região do rio Madeira há 45 mil anos e está extinta

VERSÃO ATUALIZADA EM 03/03/2020

Não existem espécies vivas de peixe-boi na porção do rio Madeira que atravessa Rondônia. Nos últimos milhares de anos, o alto Madeira passou a correr rápido demais, impedindo o crescimento da vegetação de que se alimentam esses mamíferos aquáticos de aspecto bonachão. Com quase 500 quilos e 3 metros (m) de comprimento, os peixes-boi-da-amazônia (*Trichechus inunguis*) preferem as águas mais calmas de rios caudalosos e lagoas temporárias que encontram mais ao norte ou a leste. Foi de Rondônia, entretanto, que vieram os três fósseis usados agora para descrever uma nova espécie de peixe-boi que viveu por lá muito tempo atrás: *Trichechus hesperamazonicus*.

Pesquisadores de Minas Gerais e Rondônia apresentaram o novo peixe-boi, cujo nome indica que é o oeste da Amazônia, em um artigo publicado em janeiro na revista *Journal of Vertebrate Paleontology*. Da nova espécie não há exemplares vivos, apenas pedaços mineralizados da mandíbula e de parte do crânio de indivíduos mortos há milhares de anos. Ainda assim ela é importante por representar a quarta espécie de peixe-boi do gênero *Trichechus* e a segunda de água doce. Além do peixe-boi-da-amazônia, exclusivo de rios do Brasil, da Colômbia e do Peru, há duas espécies de água salgada: o peixe-boi-marinho (*T. manatus*), encontrado em uma faixa que vai da costa sul da América do Norte

ao litoral norte da América do Sul, e o peixe-boi-africano (*T. senegalensis*), de regiões litorâneas de Angola e Senegal.

Os peixes-boi integram a ordem dos sirênios, mamíferos herbívoros exclusivamente aquáticos. Além das quatro espécies do gênero *Trichechus*, a ordem inclui ainda o dugongo (*Dugong dugon*), um mamífero marinho do Indo-Pacífico com a nadadeira caudal bifurcada – a dos peixes-boi lembra um leque. Parentes distantes do elefante, peixes-boi e dugongos têm o focinho alongado e flexível, que usam para apanhar comida. Só em *Trichechus*, porém, os dentes são repostos continuamente ao longo da vida.

“A nova espécie reúne um mosaico de características, algumas de outras espécies, outras únicas dela”, conta o zoólogo Fernando Perini, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), primeiro autor do artigo que descreveu *T. hesperamazonicus*. Embora fosse de água doce como *T. inunguis*, seus dentes, grandes e em pequena quantidade, lembram os das espécies marinhas. O mamífero do oeste da Amazônia tinha seis pares de molares em cada lado da boca, enquanto *T. inunguis* tem nove, menores. Apesar dessa diferença, a mandíbula de *T. hesperamazonicus* se assemelha à de *T. inunguis*: tem a extremidade anterior menos curvada, indicando que a boca era voltada para a frente e adequada para comer plantas na superfície. Nas espécies marinhas, ela é mais curvada para baixo, o que facilita consumir plantas do fundo.

Dois características distinguem *T. hesperamazonicus* dos outros peixes-boi. O ramo posterior da mandíbula, que tem a forma de letra L e se conecta à articulação da boca (próximo ao ouvido), é anormalmente largo e oculta os dentes mais posteriores, um sinal de que tinha músculo da mastigação maior e mais forte. Outra diferença é que os dentes da arcada inferior são inclinados para dentro e os da superior para fora. “Essas características anatômicas justificam a identificação dessa espécie, a primeira comprovadamente fóssil de peixe-boi, como sendo diferente das atuais”, afirma o paleoecólogo Peter Mann de Toledo, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), estudioso dos dugongos.

Os três fósseis usados para descrever o peixe-boi-do-oeste-da-amazônia foram encontrados nos anos 1980 e 1990 por garimpeiros do vilarejo de Araras, no município de Nova Mamoré, a 290 quilômetros a sudoeste da capital, Porto Velho, e mais tarde doados a instituições de pesquisa. Naquela época, a exploração de ouro era intensa nessa região de Rondônia próxima à fronteira com a Bolívia. Lavras nas margens do rio Madeira chegaram, em alguns pontos, a 30 m de profundidade e encontraram leitões de rios primitivos nos quais estavam depositados os fósseis de *T. hesperamazonicus* e de outros animais. “Ainda hoje é possível ver pontos brilhantes na matriz de rocha que envolve os fósseis. São grãos de ouro”, conta o paleontólogo argentino Mario Cozzuol, da UFMG, que coordenou a descrição da nova espécie.

Com o geólogo Edgardo Latrubesse, hoje na Universidade Tecnológica Nanyang, em Cingapura, e a palinóloga Silane Caminha, da Universidade Federal do Mato Grosso, Cozzuol visitou os garimpos e mapeou as camadas em que haviam sido encontrados os exemplares petrificados de *T. hesperamazonicus*. Amostras de duas palmeiras depositadas na mesma camada fóssil foram datadas e indicam que esse peixe-boi teria vivido há 45 mil anos, no Pleistoceno superior, que durou de 126 mil a 12 mil anos atrás. Com os fósseis de *T. hesperamazonicus*, foram encontrados cervos, porcos-do-mato, antas, botos e exemplares da megafauna, já extinta. “Essa fauna indica que o clima era quente e úmido e que havia grandes corpos d’água”, conta a paleontóloga Ednair Rodrigues do Nascimento, diretora do Museu Estadual de Rondônia e coautora da descrição do novo peixe-boi.

Na Amazônia, não se encontram sedimentos – e consequentemente registros fósseis – de um intervalo temporal que vai de 5 milhões de anos atrás até o Pleistoceno superior. Segundo Cozzuol, isso impede de saber quando surgiu *T. hesperamazonicus*. “Há muitas perguntas não respondidas sobre quando, como e onde surgiram as espécies vivas de peixes-boi, e a nova espécie é apenas

Fóssil da nova espécie e reconstituição do crânio (à esq.) e peixe-boi-marinho, peixe-boi-africano e peixe-boi-da-amazônia (do alto para baixo): parentes distantes do elefante



a primeira peça no quebra-cabeças”, afirma o paleontólogo norte-americano Daryl Domning, da Universidade Howard, Estados Unidos, um dos mais respeitados especialistas em sirênios. Para ele, é preciso encontrar partes do esqueleto que permitam conhecer melhor a relação dessa espécie com as outras. “Muito mais terá de ser descoberto antes de se saber como o novo animal se encaixa na história evolutiva dos peixes-boi”, diz Domning. ■ Ricardo Zorzetto

Artigo científico

PERINI, F. A. et al. A new species of *Trichechus* Linnaeus, 1758 (Sirenia, Trichechidae), from the upper Pleistocene of southwestern Amazonia, and the evolution of Amazonian manatees. *Journal of Vertebrate Paleontology*, 17 jan. 2020.